

TODOS OS AFETOS COMUNS

Alexandre Montaury

PUC- Rio

RESUMO:

Este artigo busca confrontar textos de José Gomes Ferreira, Augusto Abelaira e António Lobo Antunes para examiná-los em tensão com as circunstâncias sociopolíticas em que surgiram. Do ponto de vista teórico, parte-se da premissa de que a experiência do contemporâneo implica a presença de zonas de incerteza que podem ser identificadas e analisadas nos procedimentos narrativos dos autores em questão e terminam por operar conhecimento acerca de uma ambiência específica que marcou o século XX português.

PALAVRAS-CHAVE:

Narrativa portuguesa; século XX e cultura contemporânea; cotidiano e história.

RESUMÉ:

Cet article cherche à comparer des textes de José Gomes Ferreira, Augusto Abelaira et António Lobo Antunes dans le but de les examiner en perspective avec les circonstances socio-politiques dans lesquelles ils ont apparus. Dans un avis théorique, nous partons de l'hypothèse que l'expérience du contemporain implique la présence de zones d'incertitude qui peuvent être identifiées et analysées dans les procédés narratifs des auteurs en question et éventuellement permettent d'exploiter la connaissance d'une atmosphère particulière qui a marqué le XX^{ème} siècle au Portugal.

MOTS-CLÉS:

Narrative portugaise; XX^{ème} siècle et culture contemporaine; l'histoire et la vie quotidienne.

Abro este texto com o objetivo de propor um mapeamento preliminar das encenações do cotidiano, tal como surgem em alguns textos ficcionais de José Gomes Ferreira, Augusto Abelaira e António Lobo Antunes. O argumento central é o de que, nos seus projetos literários, os três escritores buscaram cartografar o imediato da vida

comum, revelando fotogramas e instantâneos que, uma vez inscritos em suas narrativas, adquirem a forma de um sintoma cultural. Ou poderia ainda chamar de sequela ou afecção?

As implicações metodológicas a que este trabalho me obriga levam-me a libertar as imagens da conduta cotidiana, tal como surgem nos textos desses três autores, da referência direta à cronologia histórico-política portuguesa já bastante estudada; isto é, tratarei de modalizar o protagonismo dos grandes eventos inscritos na historiografia oficial para, em sentido inverso, identificar, nessas figurações, “as zonas marginais e obscuras do presente”, tal como escreveu Karl Erik Schollhammer a partir da leitura de Agamben, Barthes e Nietzsche no texto de abertura do seu livro *Ficção brasileira contemporânea*. Para Karl Erik, “se o contemporâneo é o intempestivo, pode-se dizer que ser contemporâneo é ser capaz de se orientar no escuro e, a partir daí, ter coragem de reconhecer e de se comprometer com um presente com o qual não é possível coincidir” (SCHOLLHAMMER, 2009, p. 10).

É precisamente esta *descoincidência* que norteará os argumentos que trago a este texto. A expressão já foi utilizada por António Pedro Pita, no artigo “A transfiguração dos dias”, publicado no livro *Viagem do século XX em José Gomes Ferreira* (PITA, 2002, p. 33). Na célebre conferência de Giorgio Agamben, lê-se: “contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente”. Mas o que significa “ver as trevas”, “perceber o escuro”? Gostaria de poder trazer respostas provisórias; resta-me perseguir quem e o quê é treva nos textos de Gomes Ferreira, Abelaira e Lobo Antunes, três escritores que testemunharam o longo e obscuro século XX português, de que inúmeros estudos já têm dado conta.

De maneira geral, pode-se dizer que no cotidiano de seus narradores e personagens inscrevem-se as marcas de um ambiente, de uma condição “climática”, que, nas palavras de Bauman, em *A arte da vida*, se assemelha a “uma incômoda e desconfortável sensação de incerteza difícil de suportar, e com a qual é ainda mais difícil conviver permanentemente. Uma incerteza difusa e ‘ambiente’, ubíqua mas aparentemente desarraigada, indefinida e por isso mesmo ainda mais perturbadora e exasperante” (BAUMAN, 2009, p. 7).

No extenso desenvolvimento do “Poema do mundo perdido”, a voz poética de Gomes Ferreira pergunta: “por que não nasci no mundo que trago em mim?” (FERREIRA, 1977, p. 121). Além de remeter ao sentido de *descoincidente*, abrindo-se ao intempestivo ou a uma específica *décalage*, o escritor insere-se, com esse particularíssimo processo, numa zona de nuances, de metamorfoses e de transfigurações onde é possível dar forma à curiosa técnica de “viver duas vezes ao mesmo tempo”; isto

é, não se trata de ser, ao mesmo tempo, comum e excepcional; mas de captar as margens de instabilidade que abrangem o excepcional e o vulgar para dar forma a metamorfoses possíveis entre o vulgar e o excepcional. “Parece impossível mas sou uma nuvem, uma nuvem de terra”, afirmará o narrador de uma das crônicas de *O mundo dos outros*. Neste livro, na movente tensão desses limiares, José Gomes Ferreira arquiteta a sua narração testemunhal de um estado de ânimo que abate os portugueses de modo geral.

Não por acaso, quase duas décadas depois, mais precisamente em 1968, Abelaira reitera, em artigo de jornal, certo travo amargo no coração da cultura portuguesa; certa dificuldade que se prende a uma clivagem, o que provoca um desnivelamento de fundo entre os lados de um mundo descoincidente:

Como perante a nova sociedade tantas vezes nos perturbamos e não conseguimos compreendê-la, assim também nos é difícil aceitar a arte que procura dar-lhe expressão. No fim de contas, só poderemos aceder à nova literatura (à nova música, à nova pintura) se de algum modo a nós próprios nos reformarmos, o que não é fácil, sombras que ainda somos de velhos mundos. (ABELAIRA, 1968, p. 5.)

Essas “sombras que ainda somos de velhos mundos” têm de lidar com “mudanças climáticas” que são capturadas pelas mãos desses escritores, que souberam farejá-las na atmosfera social portuguesa. Essas zonas instáveis e obscuras também têm sido imagem recorrente na produção ficcional de António Lobo Antunes. Nos seus romances e crônicas, o escritor tem buscado dar forma à experiência “das coisas pequenas que parecem que não contam” (LOBO ANTUNES, 2009, p. 198) porque, afinal, são familiares e cotidianas, se configuram como “fato cultural evidente e compulsório, presença subjacente que simplesmente está aí” (BERGER e LUCKMANN, 1987, p. 193) como rede significativa imediata, cotidiana, onde parecem residir “todos os afetos comuns”. Mas é preciso ter cuidado com tamanha generalização.

Para Agnes Heller, da Escola de Budapeste, aluna de Lukács, em *O cotidiano e a história*, mesmo que fundada num *fazer singular*, a vida cotidiana será da ordem da alienação se a sua heterogeneidade não for pressuposto fundamental (HELLER, 2008, p. 32). Nesse sentido, não parece possível visar a uma noção de comum como formação do mesmo, ou de massa monolítica, coesa e homogênea, como projetaram os regimes colonialistas europeus do século XX; como o português, por exemplo. Ao contrário, é necessário compreender o comum numa constelação de singularidades, multidões multitudinárias com especificidades e diferenças afirmadas e que, somadas na perspectiva comunitária, possam efetivar o reconhecimento de adversários comuns e inventar um vocabulário de luta comum (*bios*), conduzida por homens comuns. Só assim seria possível viver no nomadismo das formas e na alegria das diferenças.

As encenações do cotidiano, para Certeau, podem atuar na abertura de brechas na “opressão do presente” (CERTEAU, 1993, p. 31), via de regra materializado em ritmo e repetição. Podem criar efeitos de real e compreendem o ordinário e o insólito. A rede de afetos que forma e enforma o cotidiano é assim estruturalmente ambígua: por um lado, é algo que se repete e pode comportar o inesperado; por outro, é o banal que se abre ao inusitado, sendo, ao mesmo tempo, rotina e invenção.

José Gomes Ferreira, Augusto Abelaira e António Lobo Antunes, cada um à sua maneira, pavimentam a ficção com imagens que são extrações do presente, mediadas por redes de significados e de afetos que tocam paisagens humanas específicas, traçando panoramas do cotidiano que vêm ao encontro do que aqui se entende como tal: instrução das potências de vida, grelha transversal e inteligível da cultura que implica valores, trocas e pactos registrados em pequenos gestos e passagens minimais. O cotidiano evidencia meios e comportamentos (DELEUZE, 1995, p. 178), reunindo, num mesmo plano, a escrita e a vida, o vivido e a sua potência, no sentido do que Jacques Derrida classificou como “ficções de testemunho” (DERRIDA, 2004, p. 56).

O estudo analítico empreendido até aqui permitiu a constatação de que, nos últimos anos, a “estética do menor”, do circunstancial e do transitório, como anunciou Baudelaire em meados do século XIX, não tem sido negligenciada. Ao contrário, ao longo do século XX, inúmeras objetivações pretenderam cartografar o contemporâneo através de escritas sismográficas, minuciosas, voltadas para a captação das minúsculas “vibrações atmosféricas” de uma circunstância, de seus rumores mais obscuros, desfamiliarizando-se progressivamente dos quadros narrativos mais tradicionais.

*

No conto “Insónia”, de José Gomes Ferreira, o eu-narrador, ao traçar um balanço dos acontecimentos do dia passado, na vã tentativa de adormecer, recupera fragmentos de conversas ouvidas em meio ao que considera um

[...] redemoinho desconexo de pregões, pombas nas estátuas, loiras a fingirem de morenas, morenas a fingirem de loiras, e anedotas, muitas anedotas, montes de anedotas, nos cafés, nos conciliábulos das livrarias, nas esquinas das ruas e na alegria daquele homem que vai ali a rir sozinho até parece parvo. (FERREIRA, 2000, p. 75.)

Este redemoinho é o cotidiano. Porém, a frenética passagem das imagens do dia anterior mantém o narrador em estado de vigília, que o leva, conseqüentemente, a meditar alguma ordem para aquele acontecimento excessivo:

Ainda não desisti de encontrar, nessa complicação de cauteleiros e árvores desenhadas de pardais, não digo já o conteúdo ou o nexos dum destino, mas a solução bem mais modesta duma frase, dum perfume, duma palavra: dum fecho de abóbada, em suma. Qualquer coisa que apazigue esta suspeita de vida em vão... De jazermos para aqui todos a viver em vão. Em vão e às moscas. (GOMES FERREIRA, 2000, p. 76.)

Logo a seguir, recorda-se de uma conversa entre dois indivíduos que observara na paragem dos eléctricos. Diz um deles: “A minha mulher não é lá muito inteligente, bem sei... Mas é humilde... Oh, muito humilde!” Mais a diante, continua o narrador:

Eis-me no elevador da Calçada da Glória ao lado de duas velhas, dessas em que já nem o pó de arroz adere à pele, mas parece segui-las, suspenso no ar como pólen. A mais maciça, trêmula de joias, tinha o ar displicente de quem envelheceu em vão a atirar com desdém as rugas ao mundo. Na outra nem reparei: apenas água de colónia a cheirar a suor. A velhota espessa parecia encantada com a descrição do noivo da filha:

– Não é mau rapaz, embora seja de família humilde, muito humilde...

E torcia a boca com tal trejeito, tal arreganho de desprezo, que a palavra “humilde” saía também torcida, às voltas, como uma espiral, como uma mola de sofá velho, como uma rosca, como um saca-rolhas...

– Humilde, muito humilde... (GOMES FERREIRA, 2000, p. 78.)

A certa altura de sua interminável insônia, o narrador recorda-se de, no mesmo dia, ter aberto o jornal num café e de ter lido a página dos anúncios. “E distraidamente poiso os olhos num quadradinho negro, onde se lia o seguinte em letras garrafais: ‘Criado precisa-se, com 25 anos, muito humilde’”. Peço licença para citar as frases finais do conto:

Por mais que me esforce não consigo compreender como há bichos humanos que só se comprazem em lidar com animais de músculos de cera e coluna vertebral de arame, sem personalidade, sem cor, sem reacções, apenas lambetotas com a alma cheia dos ecos dos nossos sins. Qualquer coisa semelhante à água que se adapta molemente a todos os feitios e mesmo quando endurece, quando gela, ainda conserva a forma da última vasilha. Ah! Se dispusesse de dinheiro e de coragem para ter um criado, com que prazer publicaria amanhã na primeira página do *Diário de Notícias* este anúncio enorme como um berro: Criado, orgulhoso como um lorde, de coluna vertebral de aço, que não consinta que o tratem por tu, bem pertença aos Josés. Precisa-se. (FERREIRA, 2000, p. 79.)

A identificação de traços instalados no coração da cultura, acentuada por uma nítida demarcação dos seus contemporâneos, aponta para espaços sombrios de uma mentalidade passivamente cúmplice de um regime brutal que, durante 48 anos, sujeitou os portugueses à violência de Estado, ao mesmo tempo em que pregava, em campanhas oficiais, o valor positivo da humildade e da obediência à ordem.

No mesmo livro, o narrador do conto “Reportagem do medo” parte em direção “às tragédias e as farsas dessa multidão diária que cobre de carne humana e de tumulto os rossios, as janelas, as igrejas, os eléctricos, os cafés e as tabernas”. Neste conto, o narrador, identificado como “espectador das ruas, espectador *sui generis* aliás, pois não me limito a assistir à vida do camarote do meu segundo andar, mas a saltar, de vez em quando, a pés juntos, para o palco e apresentar também algumas rábulas” (FERREIRA, 2000, p. 161), nas suas digressões indignadas aponta para o comportamento resignado dos seus semelhantes e, num gesto de ambiguidade, sente a culpa por ter agido como eles, numa farsa coletiva:

[...] resvalei até este cómodo estado de admitir sem indignação todas as mesquinhas infâmias do dia a dia que, em tempos anteriores, segundo garantem os poucos cavaleiros andantes sobreviventes, provocavam, por via de regra, embates, socos e mãos de polícia a apartar. Hoje não. Ainda esta manhã, vi um brutamontes com olheiras de tanguista e ombros de moço de recados, atirar um encontrão a uma velhota para lhe roubar o lugar no eléctrico, e ninguém soltou um pio. A pobre senhora, meio tonta, alheada do que se passava em redor, escancarou os olhos numa fixidez de assombro diante do burburinho do mundo. Pois da plataforma apinhada de homens válidos, como eu, não saiu nenhum protesto. [...] Mas com grande espanto meu – cheio de comícios por dentro e impossibilidades por fora – prossegui friamente o meu caminho, a fumar um cigarro abstracto, com a voz de Dom Quixote entalada na garganta. (FERREIRA, 2000, p. 162.)

Na sequência do mesmo conto, o narrador prossegue:

Vi, claramente visto, um rapaz com cara de estupidez inchada pregar-lhe um pontapé nas abas – e não tirei a mão dos bolsos. Não protestei. E tu também não. Nem tu que és sócio da Liga dos Direitos do Homem. Nem mesmo tu, da Sociedade Protetora dos Animais. Ninguém protestou. Sorrímos todos, pingámos todos, sofremos todos teoricamente, e passamos a diante, curvos de vergonha da nossa raça de dons-quixotes covardes e sem emenda [...] Subi lentamente a Avenida e parei na ponte dum dos lagos, a olhar para os peixes. Em baixo, na água, a minha imagem... Desfí-la com um cuspo. Há momentos em que os homens não têm direito às suas imagens! (FERREIRA, 2000, p. 166.)

Não é possível catalogar exaustivamente todas as passagens dos contos de *O mundo dos outros*, de José Gomes Ferreira, em que o narrador se demarca de certa ética da desistência, ou virtude da descrença que pareciam estar inoculadas no cotidiano lisboeta. O meu argumento é o de que as “zonas obscuras” do contemporâneo, em meados do século XX, prendem-se a esta passividade, a este alheamento, tópicos que

progressivamente acentuam a acidez empregada na narração dos contos. No obscuro século XX português, a obediência, o amesquinamento, o respeito integral à ordem violenta do Estado legitimaram precisamente uma visão de mundo que imobilizava a sociedade. A indignação do narrador do conto “Um, dois, um dois” culmina no canto final, com que Gomes Ferreira conclui o seu conto e o seu livro:

Dormia tudo em torno de mim: homens, mulheres, crianças, burros, carroças, eléctricos, carecas, cabeludos, Teatro Nacional, tabuletas, pedras, estátuas e até o céu azul estendido como uma mulher de preguiça. Dormia tudo, sombriamente, soturnamente, a andar – um, dois, um dois... – como eu naquela famosa tarde de androide hipnotizado. Dormia tudo, minha gente. Vejam: lá vão! Uns a sonhar que estão acordados. Outros, que vivem. Alguns, que falam. Muitos, que amam. Aqueles, que trabalham. Estes, que sofrem. Outros, que gritam. E que protestam. E que berram. E que lutam. Mas não. Tudo mentira. Dormem profundamente com o corpo todo, com a alma toda, nos tremendais dos cafés e nos cemitérios dos mortos-vivos das ruas. Parece impossível mas dormem, embora o sol já nascesse, há muito tempo, no mundo. Vamos, meus senhores, acordem. São horas. (Ah! Que vontade de lhes dar beliscões!) Acordem. Ou, pelo menos, voltem-se para o outro lado! (FERREIRA, 2000, p. 205.)

A conclamação revolucionária do narrador imprime-se nos corpos dos indivíduos ou, mais precisamente, nas suas sombras. A nebulosa forma de um adversário sem corpo, configurado agora como *certo modo de estar no mundo*, torna-se impalpável, abstrata, movente, mera mentalidade. Cresce numa aliança tácita com o inimigo mais tradicional, já identificado e já reconhecido como regime de Estado. Agora, mais do que as práticas do já conhecido salazarismo, parece vir à tona a incômoda sensação de que o conservadorismo e a “capacidade de sofrimento”, a obediência e a subserviência à ordem estabelecida, valores construídos também ao longo de séculos de tradição religiosa, multiplicam a resignação como virtude e a descrença como método.

Quase duas décadas depois, em 1968, surge o romance *Bolor*, de Augusto Abelaira, arquitetado em forma de diário íntimo, numa estratégia narrativa que privilegia o embaralhamento de três vozes principais. A tessitura é labiríntica e caleidoscópica. Estrutura-se a partir de circunstâncias cotidianas mediadas pela escrita e, sobretudo, por uma constante reflexão acerca dos processos da escrita:

Que queres que escreva? Que não faço o que devia, não luto por aquilo em que acredito, que assim é vergonhoso acreditar e dizer que acredito? Para mais aquilo em que acreditamos está em crise de aburguesamento, não é? Argumento precioso para não fazermos nada... E nós a esfregarmos as mãos com a crise, porque ela nos põe entre parêntesis, nos dispensa de fazer seja o que for, nos obriga a aguardar.... Viva a crise. (ABELAIRA, 1978, p. 84.)

Nota-se, portanto, também em *Abelaira*, o sentido do distanciamento, de descomunitarização e de uma razão indolente, que engendra dispositivos mentais que apenas legitimam a imobilidade:

Descobriste, ao escrever, que és um político. Não é bem. Descobri a razão por que a minha vida está vazia. (ABELAIRA, 1978, p. 85.)

Há em mim uma certa energia política [...] E que sucede? Não voto, não posso escrever esses artigos... Se eu fosse verdadeiramente um político ou um revolucionário a sério ainda poderia tentar essa influência de outra maneira. Mas não. Efetivamente não sou um político, percebes? (ABELAIRA, 1968, p. 86.)

Sinto-me frustrado [...] o mundo faz-se sem mim, sem o meu voto, nem sequer contra o meu voto. Cortado da vida social, se por vida social entendemos a construção de uma sociedade nova. Isso destrói-me, torna-me céptico, céptico até em relação às coisas em que acredito, pessimista. (ABELAIRA, 1978, p. 86.)

E essa solidão não se vence a escrever diários ou livros, ou a pintar quadros, compreendes? [...] – Bruscamente: – Não, não escrevo um diário íntimo. Escreves tu. (ABELAIRA, 1978, p. 87.)

Nos limites da incomunicabilidade, seus personagens se organizam como figuras teóricas, especulativas, indecisas e, neste sentido, obscuras. As suas vozes embaralhadas acomodam-se no mal-estar de uma elite cultural que tensiona a experiência da impossibilidade e se endereça a um mundo que não toca aos personagens. Nesse processo, privatizam radicalmente as suas energias criativas, circunscrevendo-as num diário, colecionando-as como objeto falhado.

Dirijo-me já para a conclusão deste trabalho. Antes, afirmarei que é nos romances e nas crônicas de Lobo Antunes que este processo parece alcançar a sua máxima radicalidade. A articulação minuciosa de pequenas histórias que determinam os gestos incertos e débeis dos seus personagens funciona como base de uma antologia de acontecimentos menores, desprovidos de uma relevância evidente, mas que, em contrapartida, apontam para conjuntos de atos e práticas simbólicas que particularizam a ambiência negra do contemporâneo. A representação de formas cotidianas, em sua obra, está endereçada a um conhecimento que se organiza a partir de pequenos relatos fragmentados e invertebrados. Aqui, o desarme político caminha lado a lado com a expansão do mundo-mercadoria nos termos do que Guy Débord anunciou nos anos 60. Recordo-me das perguntas de Agamben: “que significa ver as trevas?, perceber o escuro?”

A franca inapetência pelos processos de construção do comum progressivamente parece encontrar campo na irracionalidade do mercado. Nos textos de Lobo Antunes, a

vida cotidiana apresenta-se como uma realidade constantemente interpretada pelos personagens e vai sendo progressivamente dotada de sentido subjetivo, na medida em que dá forma a um cotidiano, que compreende significados afetivos, sociais, históricos e estéticos, mas que funcionam como operadores precários de sentido para a vida:

Somos felizes. Acabámos de pagar a casa em Outubro, fechámos a marquise, substituímos a alcatifa por tacos, nenhum de nós foi despedido, as prestações do Opel estão no fim. Somos felizes: preferimos a mesma novela, nunca discutimos por causa do comando, quando compras a “TV Guia” sublinhas a encarnado os programas que me interessam, lembras-te sempre da hora daquela série policial que eu gosto tanto, com o preto cheio de anéis a dar cabo dos Italianos da Mafia.

[...]

Somos felizes. A prova de que somos felizes é que comprámos o cão no mês passado e foi por causa do cão que tirámos a alcatifa, que as unhas do animalzinho raspam de tal forma que já se notava o cimento do construtor por baixo [...]. (LOBO ANTUNES, 1998, p. 153.)

O mal-entendido com a vida, revelado pelo narrador da crônica “A propósito de ti”, parece demonstrar a perfeita conciliação do indivíduo com o seu tempo, expressa na adesão com que celebra os seus dispositivos de entretenimento egoísta. Nesse sentido, talvez Lobo Antunes ensaiasse uma resposta preliminar às questões colocadas por Agamben demarcando-se das armadilhas que dão sentido ao presente e garantem objetividade no convívio com a realidade empírica.

Para Agamben, “o contemporâneo é aquele que percebe o escuro do seu tempo como algo que lhe concerne [...], é aquele que recebe em pleno rosto o fecho de trevas que provém do seu tempo”. Com Lobo Antunes, encerro:

[...] escrever é uma muito bela coisa: faz os homens caminharem sobre as patas traseiras e projectarem uma enorme sombra. Peço-lhes que deem por ela, compreendam que vos pertence e, além de compreenderem que vos pertence, é o que pode, no melhor dos casos, dar nexos à vossa vida. (LOBO ANTUNES, 2003, p. 98.)

REFERÊNCIAS:

ABELAIRA, Augusto. *Bolor*. 4ª. ed. Lisboa: Bertrand, 1978.

_____. Uma literatura viva, a Literatura Portuguesa. Lisboa: *Diário de Lisboa*, p. 5.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? E outros ensaios*. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Editora Argos, 2009.

BAUMAN, Zygmunt. *A arte da vida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

- BERGER, Peter Ludwig; LUCMANN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. II v. Petrópolis: Vozes, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques. *Morada: Maurice Blanchot*. Trad. Silvina Rodrigues Lopes. Lisboa: Edições Vendaval, 2004.
- FERREIRA, José Gomes. *Poeta militante*. v. 1. Lisboa: Moraes Editores, 1977.
- _____. *O mundo dos outros: histórias e vagabundagens*. 9ª. ed. Lisboa: Dom Quixote, 2000.
- HELLER, Agnes. *O cotidiano e a história*. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- LOBO ANTUNES, António. *O meu nome é legião*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2009.
- _____. *Segundo livro de crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 2003.
- _____. *Livro de crônicas*. Lisboa: Dom Quixote, 1998.
- PIRES DE LIMA, Isabel; EIRAS, Pedro; MARTELO, Rosa Maria (Orgs.). *Viagem do século XX em José Gomes Ferreira*. Porto: Campo das Letras, 2002.
- SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MINICURRÍCULO:

Alexandre Montauray é professor de Literatura da PUC-Rio, onde atua no Programa de Pós-graduação “Literatura, Cultura e Contemporaneidade”, no âmbito do qual ministra disciplinas e coordena projetos de pesquisa ligados às culturas de língua portuguesa. Os resultados parciais de suas pesquisas têm sido divulgados em artigos em periódicos da área e em capítulos de livros. Atualmente, conta com o apoio do CNPq (PQ-2) e da FAPERJ (JCNE-2012) para o desenvolvimento de suas pesquisas.